

Quando os 'bárbaros' se unem: cooperação e alianças indígenas contra a invasão espanhola nos primeiros anos da conquista do Chile (1540-1550)

When the 'Barbarians' Unite: Indigenous Cooperation and Alliances Against the Spanish Invasion in the Early Years of the Conquest of Chile (1540-1550)

Erick Matheus B. M. Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6678-2250>

erickrodrigues.br@outlook.com

Resumo: As forças de Pedro de Valdivia, conquistador do Chile, enfrentaram grande resistência indígena ao tentar se estabelecer na região de Nuevo Extremo. A dificuldade deveu-se à política de alianças e cooperação bélica entre os povos indígenas dos vales fluviais chilenos, antes sob domínio incaico. A resistência ativa perdurou por mais de uma década após a chegada de Valdivia, em 1540, sustentada por alianças interétnicas entre atacamenhos, diaguitas, picones, promaucaes, entre outros. Essas alianças baseavam-se em redes de reciprocidade e relações interpessoais entre caciques. Destacam-se dois eventos: o ataque de Michamalonko a Santiago, em 1541, e a destruição de La Serena, em 1549. Nossa pesquisa foca no período entre 1540 e 1550, abordando o centro-norte do Chile, e busca entender as bases dessa cooperação militar interétnica e suas consequências para as sociedades hispânica e indígena.¹

Palavras chave: conquista do Chile; alianças indígenas; resistência; Chile; século XVI.

Abstract: The forces of Pedro de Valdivia, conqueror of Chile, faced great Indigenous resistance when they tried to establish themselves in the region of Nuevo Extremo. The difficulty was due to the policy of alliances and military co-operation between the Indigenous peoples of the Chilean river valleys, previously under Inca rule. Active resistance lasted for more than a decade after Valdivia's arrival in 1540, sustained by inter-ethnic alliances between Atacameños, Diaguitas, Picones, Promaucaes and others. These alliances were based on networks of reciprocity and interpersonal relationships between chiefs. Two events stand out: Michamalonko's attack on Santiago in 1541 and the destruction of La Serena in 1549.

Our research focuses on the period between 1540 and 1550, covering north-central Chile, and seeks to understand the basis of this interethnic military cooperation and its consequences for Hispanic and Indigenous societies.

Keywords: conquest of Chile; Indigenous alliances; resistance; Chile; 16th century.

1 Essa pesquisa decorre da bolsa de pesquisa concedida pelo Ibero-Amerikanisches Institut (IAI) sediado em Berlim, assim como do suporte epistemológico fornecido pelo imenso acervo da sua biblioteca, sendo um desenvolvimento posterior do colóquio apresentado no instituto em 2023, cujo o título e temática são os mesmos dos deste artigo.

Recebido: 1 de setembro de 2023; Aceito: 10 de janeiro de 2024



Introdução

Lograda a pacificação de grande parte do Reino do Peru, uma parte substancial das forças de expansão hispânicas olhavam cobiçosas para outros rincões sulamericanos. Por decisão régia de 1531, concedia-se que Diego de Almagro “[...] por el bien y acrescentamiento de nuestra corona real, descubrirá, conquistará y poblará las tierras y provincias que hay por la costa de la mar del sur a la parte del levante dentro de doscientas leguas hacia el estrecho de Magallanes”,² a partir do fim da governança de seu então sócio e futuro inimigo, Francisco Pizarro. Almagro, velho e experiente conquistador, montou uma expedição de pouco mais de quatro centenas de espanhóis e muitos mais *yanaconas* e indígenas aliados, partindo logo após com esse vultoso número para as terras que o rei lhe concedeu. Para isso, seguiu o caminho a oeste da cordilheira, indo em direção a Tupiza e adentrando nos vales a oeste dos Andes nas imediações do Passo de São Francisco, chegando primeiro ao vale do Copiapó. Sua infrutífera expedição foi marcada por certas crueldades realizadas contra os indígenas e por uma rápida e igualmente estéril expedição de reconhecimento do Sul, seguida por uma escaramuça, liderada por Gómez de Alvarado, contra os reche-mapuches em Reinohuéle, local próximo ao rio Itata. Fracassada a ambição dos expedicionários de encontrar grandes montes de gente, vultosas jazidas ou cidades resplandcentes, sobrou a Almagro dar meia volta e tentar a sorte subvertendo a balança de poder, antagonizando os pizarristas com o rompimento do cerco que Manco Inca impunha a Cuzco, cidade que tomou para si, pondo em grilhões a Hernando e Gonzalo Pizarro. Passados os turbulentos anos de conflitos internos entre os poderosos do Peru, demorou ao menos quatro translações terrestres para que outra companhia espanhola pisasse o centro-norte chileno. Pedro de Valdivia recebeu do próprio Pizarro o prêmio e missão de prosperar onde Almagro falhara, honra que levou-o, na liderança de um diminuto bando, às paragens dos vales internos chilenos, onde, segundo o próprio conquistador, ele esperava conquistar as terras até o Estreito de Magalhães, tornando tais espaços um território sobre sua governança, já que a coroa insistia para que “[...] el Marqués [Francisco Pizarro] enviase a poblar e conquistar e gobernar el Nuevo Toledo e las provincias de Chili, de donde había vuelto Almagro [...]”.³

Fundada Santiago, em 1541, os conquistadores tiveram que lidar com ao menos três anos de contínuos conflitos com um refratário conglomerado de associações sociopolíticas autóctones nos vales centrais e nortenhos do Chile, sobrevivendo apenas graças às alianças locais e às exíguas chegadas de reforços espanhóis e indígenas do norte andino. Em 1544, fundou-se La Serena, na desembocadura do Elqui-Coquimbo, como uma forma de garantir certa segurança entre os sitiados espanhóis na capital e os reforços

2 “Capitulación [Carlos V] con Don Diego de Almagro para la conquista y población de las tierras y provincias que hubiere [...] hacia el estrecho de Magallanes, Madrid, 21 de mayo de 1531”, em Toribio Medina (1889, iv, 224).

3 “Carta [de Pedro de Valdivia] a sus apoderados en la corte, Santiago, 15 de octubre de 1550”, em Toribio Medina (1929, 101).

provindos do Peru. Pouco tempo depois, a atenção de Valdivia voltou-se para o Sul, para as áreas próximas ao rio Biobío (Penco), adentradas pela primeira vez por pés espanhóis por volta de 1546, onde os invasores enfrentaram os araucanos em Quilacura, batalha da qual os espanhóis saíram vencedores, embora Pedro de Valdivia reconhecesse a impossibilidade de levar a cabo, naquele momento, a dominação de um território hostil à presença hispânica e densamente povoado por uma vigorosa sociedade indígena afeita às práticas guerreiras e à manutenção de sua autonomia. Além do mais, resquícios das primeiras rebeliões no centro-norte pululavam e o efeito das guerras civis entre a coroa e a família Pizarro constituíam-se como uma ameaça séria a Valdivia, antigo aliado e protegido da família caída em ignomínia. O assassinato do vice-rei Blasco Núñez Vela e o conflito entre o novo enviado da coroa, Pedro de La Gasca, e o rebelado Gonzalo Pizarro, obrigaram o conquistador chileno a zarpar para o vice-reino e oferecer seus serviços marciais ao novo representante régio, que em troca consolidou e legitimou seu poder como governador do Chile. Retornando à capitania, em 1549, Valdivia tratou de pacificar definitivamente o centro-norte e de avançar sobre o Sul. Até 1553, havia criado ou ordenado o erguimento de Concepción (1550), Villarrica (1552), La Imperial (1552), Valdivia (1552) e Angol (1553), além de construir alguns fortes em locais estratégicos. Mas, a despeito desse rápido avanço, em dezembro de 1553 o conquistador acabou morto no que se costumou chamar de 'primeiro levante geral' da guerra de Arauco, durante a batalha de Tucapel. O conflito foi parcialmente debelado pela intervenção de dom García Hurtado de Mendoza, governador entre 1557 e 1561. Após esse período, o esforço de guerra migrou quase que completo para os espaços abaixo do rio Itata, e o centro-norte chileno tornou-se um poderoso pavilhão das forças de conquista e ocupação espanholas.

Antes, no entanto, as forças indígenas que ocupavam esse espaço que corre do Atacama ao Maule resistiram com afinco à tomada de suas terras. Tratamos, aqui, de uma elaborada rede de relações políticas, culturais e conseqüentemente militares, de origem pré-hispânica, que se readequou para resistir à entrada espanhola após o esmaecer do domínio dos antigos senhores do norte-andino, os incas. Dois conceitos emergem desse contexto: integração e cooperação. Trataremos integração como um processo de aproximação, coercitivo ou não, entre diferentes grupos e culturas humanas, formando elos que interligam partes outrora desconhecidas ou sobremaneira distantes. Cooperação, por sua vez, tratar-se de um processo consensual de persecução de um determinado fim (econômico, político, bélico, religioso etc.) entre diferentes grupos humanos que trabalham e cooperam para sua efetivação. Diferentes culturas, compostas por povos indígenas distintos, cooperavam periodicamente (mas, também, quebravam suas antigas alianças e aliavam-se aos invasores, eventualmente) e persistentemente conseguiram impor difíceis reverses aos pequenos bandos de espanhóis que buscavam conquistar, pacificar e povoar o Chile, o *Nuevo Extremo*, até então, considerado uma zona fronteira, ou uma

frontera de guerra, como chamavam os conquistadores.⁴ O que seria, por definição, essa espacialidade fronteiriça? Podemos compreender a fronteira como um espaço conflitivo, marcado por um litígio violento entre espanhóis e indígenas, onde a soberania hispânica era má assentada e as ferramentas de dominação (missões, *encomiendas*, fortes, cidades etc.) não conseguiam integralizar sua função dominadora (Boccaro 2005) e, por isso, corriam certo perigo. Em suma, um espaço contingenciado por uma noção de limite (a ser subvertido) e de alteridade (Urbina Carrasco 2009; Rodrigues 2023, 206-242), que performavam a fronteira como uma zona de diferenciação entre o ‘eu’ e o ‘outro’, o espanhol e o *indio de guerra*.

Nesse caminho de pesquisa, buscamos perceber (1) as dinâmicas de cooperação bélica entre diferentes comunidades política, linguística ou culturalmente diferentes; (2) entender a natureza das alianças cooperativas e suas fissuras, amplamente exploradas pelas experientes forças espanholas de conquista; (3) vislumbrar a importância da cooperação interétnica na manutenção de um modo de vida autônomo e independente durante a primeira década de conquista; e, por fim, (4) interpretar como essa política de alianças esvaneceu e acabou por deteriorar-se nas regiões hoje conhecidas como Norte Chico e Chile Central, ao mesmo tempo em que essa mesma dinâmica fomentava uma resistência militar muito mais longa na Araucanía e alhures.

Estado da arte e metodologia

Os estudos da guerra de Arauco, da resistência dos povos denominados ‘araucanos’ e da construção histórica de uma luta, identidade e territorialidade do povo mapuche foram alguns dos principais carros-chefes da historiografia colonial e etno-história chilenas. Isso jogou certas sombras sobre o desenvolvimento histórico e sobre os estudos de outros povos e conjuntos etnolinguísticos que viviam dentro do atual território nacional, sobretudo no que diz respeito às pesquisas sobre resistência, aculturação e relações interétnicas, ficando sobressalente o interesse político e intelectual sobre a nação mapuche e sobre os araucanos antigos, termos que não raras vezes serviram como antonomásia para ‘índios do Chile’, ou seja, como substitutos para denominar a multiplicidade cultural dos povos originários da região.⁵ É importante pontuar que as atuais divisões e subdivisões étnicas e linguísticas não correspondem em nada ou em muito pouco à mais multifacetada partição identitária

4 Veja o que dizia o governador Quiroga ao rei: “Yo he procurado conservar y sustentar las Ciudades y lugares de este Reyno que están poblados de Indios que están de paz y he proveído todas las fronteras de gente, armas y bastimentos [...]”, “Carta de Rodrigo de Quiroga al Rey de España, Santiago, 1576”, em Gay (1852, 106). Outro termo usual para os espaços onde havia conflitos recorrentes era *tierra de guerra*.

5 *A priori*, a referência a um lugar chamado *Chili* ou *Chilli*, palavra de procedência quéchua, era utilizada para denominar alguns vales nas regiões mais meridionais do *Collasuyu*, especialmente referente, segundo os primeiros cronistas, ao vale de Aconcagua. Ver o verbete *Chili* em Erize 1960, 113. O termo tornar-se-ia referência para toda a governação, primeiramente denominada de *Nueva Extremadura*.

dos indígenas dessa região no século XVI, o que se mantém um tema acalorado entre os estudiosos da questão identitária pré-colombiana, embora seja quase consensual a concordância de que, mesmo entre os povos falantes do mapudungun, havia um equilíbrio entre fatores de correlação cultural e diferenciação, aplicados a comunidades que vivenciavam situações ambientais, relações sociológicas e desafios históricos distintos.⁶ Ao invés de um monólito, os povos indígenas formavam um mosaico étnico-linguístico. Não obstante, o que se convencionou chamar de 'estudos araucanos' prevaleceu nos holofotes, talvez pela grande persistência da resistência mapuche-araucana de três séculos, talvez pelo peso quantitativo da população mapuche ante as demais etnias chilenas.⁷

As fontes e crônicas coloniais pouco e raramente diferenciavam etnicamente os povos indígenas, atribuindo-lhes genericamente o epíteto de *indios*, ou *naturales*, junto à designação *de Chile*, ou de alguma localidade geográfica adjacente (*de Mapocho*, *de Copiapó*, *de Arauco* etc.). Essa generalização forçosa foi incorporada pela historiografia chilena do XIX, o que causava uma amalgamação errônea nos estudos relacionados à resistência indígena. Nesse sentido, as lutas dos atacamenhos, diaguitas, copiapós e dos picones eram geralmente tratadas como preâmbulo ou como antecedente rápido à guerra de Arauco, começada com a criação de Concepción e com a batalha de Andalién, ambos em 1550. Isso deu origem à má concebida ideia de que os povos indígenas do Norte Chico e do Chile Central eram mais 'dóceis' e fáceis de conquistar. O padre jesuíta Diego de Rosales aprofundou essa percepção em sua esmerada crônica sobre o *Flandes Indiano*, a mais completa narrativa histórica escrita sobre o Chile e sua história até então (1877 [1673]). Rosales denominou de *indios de Chile* aos indígenas que falavam o mapudungun, dando-lhes até o epíteto de *chilenos*. Sua natureza arredia e seu apego à liberdade diferenciava-os dos demais povos indígenas setentrionais, cuja sujeição ante os incas fora logo substituída pelo jugo espanhol.⁸ As tendências, então, persistiram em torno da homogeneização étnica e da representação dos indígenas do centro-norte como menos afeitos à liberdade pela qual lutavam promaucaes e araucanos.

Diego Barros Arana, em sua vultuosa e importante obra oitocentista, *Historia General de Chile*, acabou por identificar que, com exceção do *fueguinos* e de algumas populações *chango*, sobre "[...] los otros indios de Chile, no es posible dejar de reconocer que todos estos últimos

6 Sobre a criação de etnicidades, etnificação e etnogênese ver Boccara (2007); sobre nomenclatura e identidades, ver Orellana Rodríguez (2001).

7 Os mapuches equivalem 79,8% dos indivíduos autoidentificados como pertencentes a alguma etnicidade indígena segundo o "Censo de Población y Vivienda 2017", em Instituto Nacional de Estadística de Chile (2018, 16).

8 "[...] y los chilenos no se quisieron sujetar a Rey ninguno, y su altivo y valeroso animo no sufre reconocer dominio ni señorío, si bien los más próximos al Perú, como los de Copiapó, tuvieron alguna sujeción por algún tiempo [...] y en ninguna otra parte hablan la lengua del Perú, sino hasta Coquimbo, que es señal de que esos pueblos se le sujetaron y no otros ningunos" (Rosales 1877 [1673], v. 1, 112).

constituían una sola familia” (1991, t. 1, 47).⁹ Essa homogeneização começou a entrar em xeque com os avanços arqueológicos e etno-históricos do século XX, com estudos mais elaborados como o de Tomás Guevara (1929) e Ricardo Latcham (1936) sobre a pré-história chilena, que já contemplavam uma maior multiplicidade de etnicidades e povos compondo o quadro das populações originárias. Mesmo assim, durante a primeira metade do dito século perpetuaram-se análises genéricas e estigmatizantes, como a de Francisco Antón de Encina, escritor da afamada *Historia de Chile*, cujo pressuposto básico sobre o quadro étnico pré-hispânico concebia picunches e huilliches como partidários de uma mesma matriz civilizacional, diferente dos mapuche-araucanos, uma raça guerreira por excelência. Esse paradigma retomava a explicação pobremente elaborada pelos cronistas e historiadores coloniais e oitocentistas, a ver, de que as conquistas dos vales do Centro-Norte ocorreram céleres pelo pouco valor dado por essas populações à liberdade e à atividade bélica (Encina 1955, t. I, 75-125). Estudos sobre a resistência e cooperação indígenas no centro-norte chileno ficaram quase sempre restritos a aparecer como apêndices das guerras araucanas, mesmo em pesquisas tão relevantes como as de Álvaro Jara (1984), Horacio Zapater (1997) e Sergio Villalobos (1995), este último sendo responsável pela amplificação dos chamados *estudios fronterizos* (Villalobos 1982). Alguns promissores passos foram dados pelos diversos estudos de Osvaldo Silva Galdames (1986; 1994), que além de refletir sobre os desenvolvimentos históricos da luta mapuche-araucana, também se debruçou sobre as instituições sociopolíticas dos picones-mapochoes e sobre o papel dominador exercido pelos incas sobre os povos centro-norte chileno. Ainda assim, em textos tão relevantes em seu tempo como nos estudos fronteiriços de Sergio Villalobos, encontra-se a noção de que “[...] los atacamenhos, diaguitas y picunches de las regiones septentrionales [...] pudieron ser sometidos com facilidad” (Villalobos 1995, 45).

Para não nos estendermos em demasia, vale ressaltar que os estudos que mais perpassam a questão da resistência indígena na porção que vai do Atacama aos vales centrais são de ordem arqueológica e histórica, embora pouco ainda tenha sido produzido especificamente sobre a conquista e resistência inicial, ou sobre as redes de cooperação bélica e sobre as alianças militares interétnicas, predominando pesquisas sobre temas correlatos como *encomiendas*, posse de terras, desenvolvimento socioeconômico aborígene ou hispano-criollo etc. Aludimos, portanto, à importância de pesquisas que contemplem como tema principal a resistência multiétnica dos povos indígenas dessa região, tratando-a como fator central da análise ao percebê-la como um elemento fundamental para entender a ligação entre a existência de uma rede cooperativa de interação militar e a capacidade de manter um modo de vida autônomo dos espanhóis. Em paralelo, faz-se necessário refletir sobre sua desestruturação e queda diante das forças

9 A ideia de unicidade foi readaptada com o estabelecimento das subdivisões étnicas sobretudo por obra de Latcham (1936). Ver, por exemplo, a popular síntese histórica de Galdames (1996), que adota a divisão pehuenche, araucano e huilliche dentro do macrogrupo mapuche.

invasoras, tratando-a não como fator comprobatório da ideia de uma 'passividade' ou acomodação condescendente dos povos do centro-norte do Reino do Chile diante da dominação espanhola, mas como uma característica indissociável do desenvolvimento histórico nativo frente às demandas de uma nova relação de forças e de uma nova experiência de guerra, de domínio e de relação interétnica com os povos europeus.

A metodologia que elencamos para o estudo desvela a importância de proceder com uma análise textual das fontes hispânicas, que são os principais documentos que tratam sobre os conflitos iniciais entre indígenas e espanhóis no centro-norte chileno. Damos ênfase sobretudo ao estudo de três tipos documentais: (1) as crônicas e as cartas de conquista de governadores, soldados e clérigos (por ordem cronológica, Pedro de Valdivia, Jerônimo de Vivar, Góngora Marmolejo, Mariño de Lobera, Diego de Rosales etc.); (2) as atas, memorandos, ordenanças, cartas de serviço, relações, entre outros, produzidos por instituições como os *cabildos*, pelo vice-reinado, pelas Audiências Reais e outros corpos régios oficiais; (3) e a documentação paralela, que embora não diretamente ligada à temática da guerra e da resistência, as contemplavam em suas informações (cartas de *encomienda*, *repartimientos*, *tasas* etc.). O primeiro conjunto de fonte nos permite uma visão ampla dos conflitos e uma percepção hispânica da cooperação e das políticas de aliança indígenas, obrigando-nos a pensar e repensar os vícios narrativos, as injunções e as camadas de estereótipos nos textos, para, através de uma análise comparativa (com outras fontes que partem do mesmo contexto), e com auxílio, quando possível, de pareceres e estudos arqueológicos, desvelar certas características propriamente indígenas relacionadas à cooperação interétnica e à manutenção de uma luta ativa. As fontes de tipo 2 e 3 são de importância vital para perceber as consequências do conflito na sociedade hispânica e nas sociedades indígenas, além de darem respaldo às informações provenientes do primeiro tipo documental.

Um caldeirão de povos: variedade étnica, relações culturais e alianças políticas no centro-norte chileno

“En este tiempo los indios bárbaros del valle de Copiapó, del Guasco, Coquimbo, y Limarí estaban deseosos de venganza de los españoles, por el daño, que de ellos habían recibido”.¹⁰ Uma classificação grosseira (embora muito usual à época), como a que denominava os povos indígenas de “bárbaros”, esconde a grande importância da citação acima, feita por um soldado-cronista, Pedro Mariño de Lobera, e editada por um jesuíta no Peru, Bartolomé de Escobar, por volta de 1595. Eram, então, não somente “índios”, mas também “bárbaros”, ou seja, desprovidos das condições básicas necessárias à civilização. Classificação útil também, diga-se, quando feita por indivíduos que mais que tudo ansiavam a submissão dos ditos bárbaros, que depois de submetidos, prestar-lhes-iam

10 “Pedro de Mariño de Lobera, Crónica del Reino De Chile, 1595”, em Mariño de Lobera (1865 [1595], VI, 101).

trabalhos laborais na forma de *encomiendas e repartimientos* (Giudicelli 2009). Mas, não é esse o cerne do apontamento de Mariño de Lobera. Antes, o mais importante no seu texto está implícito; a ver, a aliança entre diferentes comunidades indígenas em torno de um mesmo ideal: a expulsão ou aniquilamento dos invasores espanhóis nos seus territórios. Mais à frente, o envelhecido soldado-cronista descreveria os frutos sangrentos dessa coalizão de forças, ocorrida no ano de 1549: a destruição da cidade espanhola de La Serena, fundada em 1544 na área setentrional da neófito governação do Chile, assim como a aniquilação quase total de seus *vecinos*, incluindo mulheres e crianças; nenhum estrangeiro ao alcance foi poupado da fúria indígena, e os que lograram escapar, apenas puderam dar notícia do ocorrido à capital Santiago. Eventos nada auspiciosos já haviam pressagiado os riscos para os espanhóis que habitavam o vale de Coquimbo, onde estava localizada a cidade. Alguns meses antes (1548), o capitão Juan de Bohón, fundador de La Serena, fora emboscado pelos indígenas do vale do Copiapó, enquanto tentava assentar um forte na região. O ataque, que desestabilizou completamente à comunidade hispânica por deixá-la sem liderança e carente de reforços (já que o reforço de cavalaria deixado por Estéban de Sosa también pereceu), foi seguido por um ataque fulminante à cidade: “[...] y mataron a los españoles y cuantos em ella estaban y quemaron la iglesia y casas de los vecinos y la asolaron y destruyeron toda e hicieron grandes crueldades en los españoles”.¹¹ Os indígenas, então, iniciaram um levante e propalaram a sublevação contra o domínio hispânicos nos demais vales fluviais meridionais, em resposta à contínua intrusão e entrada dos espanhóis em suas terras; um ato de rebeldia aberta que só foi debelado após duas expedições lideradas respectivamente por Francisco de Villagra, que obteve uma breve vitória atacando e vencendo um *pukara* (fortaleza) nas imediações do vale de Copiapó, e de Francisco de Aguirre, a quem coube o derradeiro mérito de refundar La Serena, em 26 de agosto de 1549, e de pacificar o revoltoso vale setentrional. Uma menção escrita em data mais próxima ao momento da ocorrência do levante dos diaguitas e copiapós foi feita por outro soldado-cronista, Jerônimo de Vivar, cuja obra denominada de *Crónica y relación copiosa y verdadera de los reinos de Chile*, de 1558, apresenta o seguinte quadro da aliança indígena que culminou na destruição de La Serena:

Pues, viendo los indios de Copiapó la venida de tantos cristianos, acordaron de rebelarse. Para esto enviaron sus mensajeros al valle del Guasco al valle de La Serena y valle de Limarí, avisándoles que ellos tenían noticias de como venían muchos cristianos [...] y que mirasen el trabajo que tendrían con ello [...] y que diesen en los cristianos y los matasen a todos y quemasen la ciudad, y que para aquella noche que ellos les señalaban, matarían ellos los que estaban en el valle y todos los demás que por allí pasasen.¹²

11 “Informaciones de los servicios hechos em las provincias del Perú y Chile por Francisco de Aguirre, testimonio de Joán Fernández de San Pedro, 26 de septiembre de 1552”, em Toribio Medina (1896, x, 81).

12 “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 127).

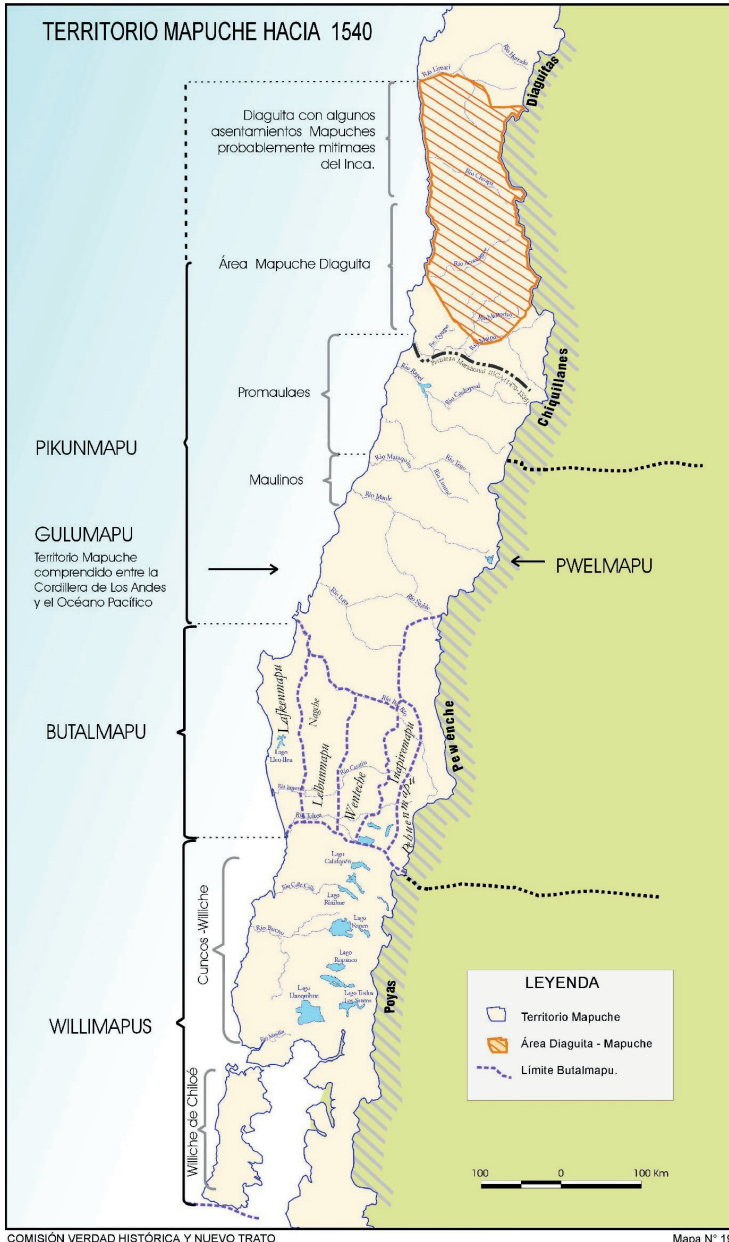


Figura 1. Disposição espacial relativa dos povos indígenas presentes -no atual território chileno no ano de 1540 (Comisión 2008, 325).

O próprio Vivar atestara previamente o caráter plural dessa aliança. Ao classificar e descrever os indígenas de cada vale principal, como costumeiramente fazia, percebeu uma alteridade importante entre os de Coquimbo e os de Limarí, pois no que dizia respeito ao idioma falado, “Es lengua por sí diferente de la de Coquimbo”,¹³ o que parece sugerir uma zona de diferente composição étnica diversa, talvez, o início das primeiras populações falantes do mapudungun, parte do macrogrupo reche-mapuche (Boccarda 2009, 15; Boccarda 2007), tradicionalmente denominada de picones ou picunches. É possível que os vales de Coquimbo e arredores fossem uma das zonas de contato entre diaguitas e reches, que compartiam um espaço limítrofe e um círculo ecológico correlato, comungando relações de cunho político, econômico e cerimonial que se estendiam ainda mais para o Sul.¹⁴ Não impressiona, portanto, que o mesmo cronista-soldado sublinhasse que, embora engendrada pelos copiapós, a cooperação preconizava a participação ativa de diaguitas de Coquimbo e de outros diaguitas e provavelmente mesmo de contingentes picones que viviam entre os rios Limarí e Choapa. *Pari passu* a essa cooperação guerreira, uma ação restritiva seria assignada a outro grupo étnico mais ao Norte, os atacamenhos, que deveriam impedir a passagem de novos grupos de povoadores e conquistadores pelos seus territórios desérticos, montanhosos e secos.

Ao que parece, os indígenas do Atacama eram igualmente contrafeitos à presença espanhola, pois o mesmo Vivar deu conta de que atacamenhos e diaguitas comunicavam-se para emboscar e matar contingentes espanhóis que atravessavam a região rumo ao Copiapó, uma zona desértica, estéril e salobra que os espanhóis denominavam de *Gran Despoblado*, tendo em vista a baixíssima densidade demográfica da área. Não só isso: o soldado-cronista sugere que as culturas andinas (mesmo as que viviam mais ao Norte e Nordeste) se comunicavam rapidamente e se preveniam mutuamente, de forma a detectar e repelir a ameaça de novas invasões espanholas. Vivar contava que logo nos primórdios da expedição de Valdivia, ainda em 1540, quando o conquistador e seu bando se postavam para entrar e atravessar o Atacama, seu grupo foi prontamente atacado por cerca de mil e quinhentos indígenas, “[s]abiendo los indios de Atacama la venida del general por aviso de los indios a que llaman Caperuzones y de los Guatacondor y de Pica”.¹⁵ O ataque, embora carente de maiores êxitos, prenunciou o difícil caminho descendente da tropa espanhola, que se viu constantemente acossada ou evitada pelos povos indígenas que habitavam o percurso para os vales centrais chilenos, temerosos, esses,

13 “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 32).

14 Segundo os estudos arqueológicos de Mario Orellana Rodríguez (1994, 103), havia uma ativa presença diaguita até mesmo em áreas mais austrais, como o Maipo-Mapocho, tendo em vista o traslado de populações norte-andina, tanto de diaguitas como de outros povos, como *mitimaes*, populações trasladadas pelos incas para desenvolver alguma função em outras partes do *Tawantinsuyu* (Lorandi 1983, II).

15 “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 13).

dos descalabros que conheceram com a cruel entrada e estadia de Diego de Almagro em suas terras, homem que os cronistas são céleres em qualificar como o principal responsável pela aversão inicial autóctone ao empreendimento de Valdivia. Ainda no Atacama, cientes da entrada dos cobiçosos hispânicos, os indígenas procederam com o *modus operandi* de esconder a maior quantidade de provimento possível e de fazer sangrar aos invasores, tornando sua marcha difícil e penosa, fazendo-os recuar ou levando-os à sede e inanição ao atravessarem o deserto. O mais curioso é que o cronista explicou que tal ação não era meramente autocentrada; antes, respondia a uma espécie de pacto entre os indígenas atacamenhos, que Vivar identificou como chichas (oriundos do altiplano argentino-boliviano), e os nativos de Copiapó, predominantemente diaguitas e copiapós, que arguíam os indígenas mais a norte a sangrarem e desgastarem os invasores para que, caso esses lograssem atravessar o deserto, seus guerreiros pudessem debelar e matar facilmente os maltratados aventureiros.

As informações sobre o belicismo atacamenhos são reafirmadas pela carta de mercês de Francisco de Aguirre, cujos relatos, como o de Pedro Alonso, convergem em afirmar que foi Aguirre o primeiro a entrar no Atacama, ainda em 1540, enfrentando por algumas dezenas de dias os ataques constantes dos indígenas, embora lograsse, segundo as memórias dos inquiridos, tomar “[...] un pueblo entero y les hablé a todos los indios e indias que se tomaron y les dije que se fuesen a su cacique y le dijiesen [...] que viniesen de paz a los cristianos, porque todas las provincias sugetas al Ingua (Inca) los servían y que ellos no podían dejar de lo servir”.¹⁶ No mesmo documento, Francisco Hernández Gallego corrobora a informação de Vivar, mencionando que, quando Aguirre entrou no Atacama, provindo da província dos chichas, toda a terra estava em levante armado devido à informação prévia da chegada espanhola.¹⁷ Ao analisar os eixos expansivos após a captura de Cusco, torna-se perceptível que falas como a de Aguirre, de que os senhores do Atacama deveriam servi-lhes como serviram aos incas, denotava uma tendência hispânica a reconquistar para si o espaço do *Tawantinsuyu*, substituindo os decadentes senhores andinos. A dificuldade de submeter uma antiga província inca até poucos anos sujeitada, no entanto, mostrava que esse processo não seria simples ou meteórico, já que a rearticulação das forças e dos líderes locais, após o que se constatou ser uma vacância de poder (que começara a decair já durante a guerra interna entre Atahualpa e Huáscar), forçara os ambiciosos conquistadores a delegar forças substanciais à conquista de povos e províncias em toda a região andina. Nesse cenário de reorganização dos grupos étnicos e políticos do antigo potentado inca, o Atacama interpôs um desafio duradouro. Era uma região desértica, com poucos víveres e fontes d'água e por isso de difícil trânsito,

16 “Informaciones de los servicios hechos em las provincias del Perú y Chile por Francisco de Aguirre, 26 de septiembre de 1552”, em Toribio Medina (1896 x, 16).

17 “Informaciones de los servicios hechos em las provincias del Perú y Chile por Francisco de Aguirre, 26 de septiembre de 1552”, em Toribio Medina (1896 x, 67).

sobretudo se os transeuntes contassem com a hostilidades dos povos autóctones. Agora independentes, os líderes atacamenhos continuaram a afligir às tropas hispânicas que cruzavam seus espaços por largo tempo, embora a intervenção vice-real estabelecesse um controle mais efetivo sobre o fustigante território através da criação de Tocanao, primeiro povoado espanhol fixo do Atacama, por volta de 1557 (Téllez 1984). Há de se considerar que as práticas de terra arrasada, isolamento e assalto indígenas não foram dissolvidas em definitivo após a primeira entrada de Almagro e nem com o posterior controle de Valdivia sobre os vales meridionais, permanecendo uma dor de cabeça para os espanhóis estacionados nos vales centrais, já que os reforços vindos do Peru tinham que enfrentar a ardilosa confabulação andina entre atacamenhos, copiapós e, quiçá, promaucaes, operante através de uma ágil e profícua rede de informações que, não seria surpreendente sugerir, poderia aproveitar-se dos bem conhecidos e trafegáveis caminhos incas. “Viendo los indios de Atacama como eran pechados de los de Copiapó [...] dieron mandado a los de Copiapó, haciéndoles saber como iban veinte y dos cristianos para su tierra y que, si allí esperaran un día más, ellos lo [sic] mataran [...]”,¹⁸ conta-nos a crônica de Vivar. Tendo em vista que os cavaleiros liderados por um tal capitão Diego Maldonado conseguiram passar o vale, os atacamenhos aconselhavam que aos indígenas do Copiapó que os matassem todos. Vários anos depois, a *probanza de méritos y servicios* do ‘pacificador’ do Atacama dava conta que, antes da efetiva intervenção de Juan Velázquez de Altamiro como corregedor local, “[...] los indios de Atacama auia muchos años que estauan rreuelados [...] y que no se podía passar por ali para la prouincia de Chile sino era gente junta [...]”,¹⁹ o que significava que só era possível atravessar o *Gran Despoblado* com mais segurança se a expedição contasse com um número significativo de soldados bem aparatados e víveres suficientes para que os transeuntes não fossem aniquilados pelas duras condições da passagem.

Quanto às confabulações indígenas, essa rede de alianças era reforçada pelas características etnolinguísticas e sociopolíticas dessas comunidades. Mais ao Sul, nos vales de Aconcágua, Rancagua e Maipo-Mapocho, predominava, ao que parece, uma população reche-mapuche multifacetada e falante do mapudungun (ou de idiomas afins) que ficaram conhecidas como pincones (posteriormente, picunches). Das ribeiras do Chachapoal, adentrando às terras ao sul do rio Maule habitavam populações que, inspirados pelo quéchua norte-andino, os espanhóis denominaram de promaucaes ou *aucas*, quando contrafeitos à dominação inca, um termo que poderia ser bem traduzido com a acepção de ‘bárbaro’ ou ‘selvagem’, mas que no quéchua era geralmente empregado para descrever bestas selvagens ou grupos humanos arredios ao governo de Cusco (Manríquez

18 “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 103).

19 “Probanza de méritos y servicios de Francisco Altamirano y su padre, Juan Velazquez Altamirano, 1596”, em Luis Martínez *et al.* (1992, 53).

2002).²⁰ Nessa extensa zona vertical, a presença incaica amalgamara a população local com outras etnicidades, promovendo a ascensão de diferentes grupos políticos, seja de curacas locais, seja de chefes estrangeiros, como Atepudo e Quilacante (inca de origem norte-andina), que governavam os *mitimae* do Chile Central, da região de Quillota. Quilacante havia migrado recentemente para a bacia do Maipo-Mapocho, enxotado do Aconcagua por rivalizar com Michamalonko e seu irmão Longotoro, caciques picones que dividiam entre si o vale do Aconcagua. A despeito de ser inicialmente favorável aos espanhóis, Quilacante decidiu aliar-se com seus antigos rivais durante o cerco a Santiago. O próprio Michamalonko, relatou-o Pedro de Valdivia, em 1545, mantinha uma articulada rede de informações que ia a rincões tão longínquos quanto o Atacama, de onde provinham informações sobre o que ocorria no Peru, além de avisos prévios de invasões hispano-andinas, como a ocorrida antes, liderada por Diego de Almagro. Valdivia, pretense conquistador daquelas paragens, percebera que Michamalonko utilizava seu poder político para estabelecer laços e construir uma potente rede informativa que lhe fornecia relevantes notícias, por exemplo, das querelas que grassavam entre os espanhóis no Peru, onde a guerra entre pizarristas e almagristas enfraquecia a posição espanhola e sua capacidade de apoiar os distantes conquistadores do Chile: “[...] los caciques de Copayapo se lo habían enviado a decir a Michemalongo y a que ellos lo supieron de mensajeros que les envié el [cacique] de Atacama”.²¹ A notícia, refletia o conquistador, excitara a rebelião nos vales acercados a Santiago, o que levou aos conflitos que se sucederam no vale de Cachapoal e ao ataque a Santiago em setembro de 1541, onde o capitão Alonso de Moroy teve que defender a neófitas urbes de quase dez mil índios de guerra liderados por Michamalonko, decidido a extirpar a presença hispânica da redondeza de seus domínios. Para isso, segundo indica uma passagem de *probanza* de serviços relatada pelo capitão Rodrigo de Quiroga, o *gran toqui* reuniu um exército interétnico, composto por “[...] toda la gente de guerra desta provincia y mucha parte de los indios diaguitas, a quien ellos habían enviado a llamar para les ayudar para destruir esta ciudad [...]”.²² Ainda mais perspicaz foi sua capacidade de mobilizar os chefes promaucaes do Sul, como parece mais provável, ou ao menos, caso não tenha havido uma aliança efetiva entre Cachapol e Michimalonko,²³ de utilizá-los como distração para o ataque massivo

20 Longe de significar uma precisa categoria etnolinguística, os termos ‘aucas’ e ‘promaucaes’ aludiam à noção europeia de selvageria, rebeldia e insubmissão, tornando-se popular para definir aos chamados *índios de guerra* ao sul do Maipo-Mapocho nos primórdios da conquista.

21 “Pedro de Valdivia, a Hernando Pizarro, La Serena, 4 de septiembre de 1545”, em Toribio Medina (1929, 56).

22 “Probanza de los méritos y servicios de Santiago de Azoca, 17 de octubre de 1562”, em Toribio Medina (1897, XII, 107).

23 As crônicas e fontes do XVI falam sobre o levante, mas não confirmam uma aliança efetiva. O padre Rosales (1877 [1673]), mais de um século depois, falava que os chefes do Aconcagua e Cachapol convocaram cada vinte mil homens, e que o último atravessou o Maipo para dar batalha, o que sugere

que o *toqui* realizou sobre Santiago. Uma série de contingências, a tenacidade e a habilidade para a guerra dos espanhóis acabaram por congratulá-los tanto com a vitória sobre o forte de Cachapol quanto com a defesa de Santiago, que embora queimada e deixada em cinzas, logrou permanecer como assentamento humano para espanhóis e indígenas aliados, o que certamente evitou uma tragédia para a hoste hispânica.

O levante promaucae obrigava Valdivia a combater simultaneamente ao sul e ao norte da ameaçada cidade, visto que, segundo relatou Vivar, o capitão temia a carestia generalizada de víveres se não rompesse a resistência que se generalizava nos vales circunvizinhos.²⁴ Ainda segundo Pedro de Valdivia, a partir de relatos que teria obtido entre alguns informantes locais, as sublevações eram estimuladas por ninguém menos que Manco Inca, o rebelado senhor de Vilcabamba, filho de Huayna Cápac e herdeiro do *Tawantinsuyu*, que buscava sublevar aos chefes indígenas meridionais enviando-lhes mensageiros a dizer que, para debelar as intenções espanholas, “[...] si querían que diésemos la vuelta como Almagro, que escondiesen el oro, ovejas, ropa, lana y algodón y las comidas, porque como nosotros buscábamos ésto, no hallándolo, nos tornaríamos. Y ellos lo cumplieron [...]”.²⁵ Esse estímulo inca às rebeliões do *Collasuyu* não era coisa nova ou implausível: embora na precedente expedição de Almagro o príncipe Paulu Inca se mantivesse fiel aos espanhóis, tanto o sumo sacerdote do Sol, Villac Umu, quanto o intérprete Felipillo tentaram sublevar os indígenas no caminho da hoste almagrista. A facção rebelada do antigo potentado inca mantinha a esperança de sublevar seus antigos súditos indígenas, dificultando ou cerceando a vida e presença espanholas nas regiões invadidas. Os grupos indígenas locais, por seu lado, poderiam assumir uma postura de contemporização com os invasores ou investir na confecção de alianças interétnicas para combater a nova leva de invasão. Tais ações decorriam das características gerais das sociedades ameríndias andinas naquela região, contingenciadas por ondas prévias de penetração e dominação estrangeiras e por fortes vínculos culturais e socioeconômicos, a despeito de serem politicamente segmentadas (Silva Galdames 1994).

Contingenciada por um quadro pluralizado de poderes e peculiaridades culturais, a invasão espanhola necessitou construir sua própria dinâmica de alianças para romper com a animosidade e a oposição das lideranças locais (León Solís 1985). Mas, diferentes

uma ação orquestrada. Vivar (1966 [1558]), mais próximo dos eventos, não fala sobre a travessia do rio Maipo, apenas sobre um grande ajuntamento de promaucaes no Cachapol. Mas a pista mais elucidativa que permite presumir com maior probabilidade a existência de uma coalisão vem das mãos de Pedro de Valdivia: “Luego tuve noticia que se hacía junta de toda la tierra en dos partes para venir a hacernos la guerra, y yo con noventa hombres fui a dar en la mayor [Cachapol]”: “Pedro de Valdivia, al Emperador Carlos V, La Serena, 4 de septiembre de 1545”, em Toribio Medina (1929, 21).

24 “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 52-53).

25 “Pedro de Valdivia, al Emperador Carlos V, La Serena, 4 de septiembre de 1545”, em Toribio Medina (1929, 15).

do *Tawantinsuyu*, que contava com uma dinâmica de diplomacia e ação ponderada e paramentada, o comportamento dos multifacetados grupos que compunham as hostes indianas espanholas era muito mais desordenado, violento e exploratório, contribuindo para fragilizar as precárias alianças com alguns chefes locais e aumentando sobremaneira a hostilidade para com os novos invasores, já conhecidos dos idos de 1536, do sangrento rastro deixado pela hoste de Almagro.²⁶ A política de diplomacia e guerra hispânicas foi deveras difícil: contavam com os *yanacunas* ('índios auxiliares') do norte-andino para construir alianças, mas essas eram geralmente fragilizadas pelo que os conquistadores achavam ser uma inclinação nativa 'inata' à traição: “[...] porque luego procuran cometer traiciones para se rebelar, que esto es muy natural en todos bárbaros [...]”,²⁷ ponderava Valdivia. A despeito das dificuldades intestinas que os invasores hispânicos tinham em estabelecer vínculos duráveis, tal déficit era geralmente compensado pela capacidade bélica, que funcionou alhures como a forma mais rápida de estabelecer o domínio. Como relatara o cronista Mariño de Lobera, os espanhóis estavam sempre predispostos a, quando falhada a submissão pacífica, “[...] ir a buscar como otras veces, y no volver a esta ciudad [Santiago], hasta haceros rendir por fuerza, y matar algunos de vosotros”,²⁸ motivo pelo qual um *Requerimiento* era quase sempre lido mandatoriamente aos indígenas, condicionando-os à aceitação da nova ordem hispânica ou à guerra *a fuego y sangre*.²⁹ Assolados pelo adentrar de uma nova e pouco conhecida turba invasora, atacamenhos, copiapós, diaguitas, cusquenhos, picones, promaucaes e puelches transandinos acabaram por reagir de formas mais ou menos coletivizadas, a depender da proximidade ou isolamento comunitário, da integração política local e da capacidade de tecer laços cooperativos que sobrepujassem as rivalidades ordinárias. No Aconcagua, Michimalonko representou o principal obstáculo aos hispânicos, construindo uma densa e numerosa força através de seus atributos pessoais e de seu histórico como *gran toqui*, um destacado chefe guerreiro, elementos que colaboravam na galvanização de forças, sobretudo entre comunidades e líderes distantes, não ligados por laços diretos de familiaridade e ancestralidade (Silva Galdames e Farga Hernández 1997).

26 “Esta crueldad escandalizó mucho a los chilenes persuadiéndoles mui [...] que se les representaba haberlo hecho [...] Almagro; muchos de los cuales llevaron y presos en cadenas y collares no pocos indios de Chile, hombres, y mujeres” (“Pedro Mariño de Lobera, Crónica del Reino de Chile, 1595”, em Mariño de Lobera (1865 [1595], 40).

27 “Pedro de Valdivia, al Emperador Carlos V, Concepción, 15 de octubre de 1550”, em Toribio Medina (1929, 149). Sobre o tema da fragilidade de alianças entre europeus e indígenas, ver a análise de Viveiros De Castro (1992), sobre a relação luso-tupinambá.

28 “Pedro Mariño de Lobera, Crónica del Reino de Chile, 1595”, em Mariño de Lobera (1865 [1595], vi, 72).

29 “Pedro de Valdivia a sus apoderados en la corte, Santiago, 15 de octubre de 1550”, em Toribio Medina (1929, 133); “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 22).

A atenção espanhola, por sua vez, ocorria de forma difusa, variando paralelamente entre três áreas principais entre os anos de 1536 e 1550: (1) primeiro, e largamente ignorada como área de ocupação contínua, havia o Atacama, que se estendia dos términos de Tarapacá até o fim do *Gran Despoblado*, um espaço que todos os textos eram céleres em qualificar como “[...] largo y peligroso, estéril de lo necesario [...] a causa de lo cual en el dicho campo se pasaron y se padecieron grandes trabajos”,³⁰ trabalhos que eram sempre renovados quando um novo grupo vindo do norte andino tentava atravessá-lo, tendo que lidar com a inclemência local associada à ameaça indígena, que, como vimos, agia como fator de enfraquecimento das forças peregrinantes, negando-lhes assistência e mantimentos, além de, quando possível, lançar-lhes escaramuças. Foram esses fatores que destroçaram um reforço que, segundo Mariño de Lobera, consistia em oito mil indígenas peruanos sob ordens de Paulu Inca, entre 1536 e 1537, não sobrando viva alma para acabar a travessia.³¹ Agreste e de poucos atrativos, a região manteve-se como terra de passagem, desafiadora e hostil, por várias outras décadas, até que uma tímida fixação advinda do Peru trouxesse a pacificação, como supracitado. (2) Após as inclemências do deserto, chegava-se ao Copiapó e os vales circunvizinhos, uma área de longa e profícua interação e integração andina, multiétnica e pluricultural,³² que sofreu tanto nas mãos de Almagro como, de forma mais definitiva, nos calços de Valdivia, sendo vítima de uma dominação violenta e impositiva trazida pela hoste espanhola. Almagro condenara ao menos trinta e cinco caciques do Copiapó, Coquimbo e Huasco à morte na fogueira por terem assassinado três batedores espanhóis, coisa que produziu um profundo efeito na população indígena local, uma variada mistura de povos que, segundo os relatos da época, consistiam em um conjunto demográfico bastante afeito à guerra e, em alguns bolsões, experimentados em anos de luta contra os incas, contra os quais empregaram muitas das táticas defensivas e cooperativas que antagonizaram depois os espanhóis (León Solís 1983).³³ Pedro de Valdivia percebeu que seria de pouca monta manter Santiago sem assegurar parte do caminho entre a isolada urbe e o Peru, motivo pelo qual ordenou a fundação de La Serena, em 1544, assentando um posto avançado entre o vice-reino e a capital da Nueva Extremadura, que seria a dianteira de uma expansão

30 “Capitán Diego de Cáceres, probanza de los méritos y servicios de Santiago de Azoca”, em Toribio Medina (1897, XII, 95).

31 “Pedro Mariño de Lobera, Crónica del Reino de Chile, 1595”, em Mariño de Lobera (1865 [1595], VI, 32).

32 Distingue-se arqueologicamente a cultura copiapó da diaguita, mas é igualmente válido notar que os vales que se estendiam do *Despoblado* a Limarí passaram por um contínuo e arqueologicamente bem documentado processo de interconexão e integração, sobretudo durante o período Intermediário Tardío e Tardío. Sobre o tema, ver Garrido Escobar (2018) e Cornejo B. (2001).

33 Sobre os líderes indígenas trucidados, ver “Pedro Mariño de Lobera, Crónica del Reino de Chile, 1595”, em Mariño de Lobera (1865 [1595], VI, 31-32). Sobre as primeiras descrições do Copiapó, ver “Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558”, em Bibar [Vivar] (1966, 20-22).

que deveria chegar ao Estreito de Magalhães. A submissão do Copiapó e Coquimbo foi, no entanto, predominantemente mal calculada, tendo em vista o que pensava o dito conquistador: “Procuré este verano pasado [...] poblar la cibdad de la Serena en el valle de Coquimbo, que es a la mitad del camino [...] dentro de dos meses truxo de paz todos aquellos valles [...] y com esto pueden venir de aqui adelante seis de caballo del Perú acá, sin peligro ni trabajo”.³⁴ O julgamento estava claramente errado, embora a estratégia de criar um porto seguro no importantíssimo caminho terrestre e naval Peru-Chile Central fosse acertada, como expunha a deletéria experiência de Alonso de Moroy, capitão de Valdivia enviado com quase meia dúzia de cavaleiros ao Peru em 1542, tendo como objetivo trazer reforços ao Sul. Capturado em Copiapó, apenas ele e outro companheiro lograram fugir e chegar ao vice-reino graças a uma bem sucedida estratégia de fuga.³⁵ Consolidada a presença hispânica, Valdivia chegou a ponderar o despovoamento da região, tendo em vista o que seria o maior problema espanhol após a pacificação: a falta de mão-de-obra indígena para os trabalhos e *encomiendas*, mas a cidade logrou sobreviver após sua refundação, em 1549, em conjunto com a estabilização da região e o início de uma regular exploração de ouro, cobre e outros metais nas minas e jazidas locais, embora sua variedade étnica tenha aparentemente sido varrida, no decorrer do século XVI, pela morte sistemática de seus habitantes nativos primeiro em guerras e, depois, devido às pestes e à destruturação sociocultural das comunidades. Para reverter o quadro deletério, os espanhóis optaram pela introdução dos chamados *indios de guerra* capturados nas refregas hispano-mapuches no Sul, escravizados ou não. Em 1594, o informe de dom Miguel de Olaverria dava conta da hecatombe dos povos originários circunvizinhos à cidade de La Serena: “[...] no tiene 400 indios naturales y los demás que le sirven son de las demás provincias, forzados casi en servidumbre [...]”.³⁶

(3) Não obstante, os dez primeiros anos de presença hispânica foram predominantemente dedicados à consolidação do domínio sobre os vales fluviais que iam do Aconcagua ao Maule, lar de uma população mais densa que a do Atacama e dos vales que se seguiam ao Copiapó, etnicamente plural e profundamente imbricada em processos de coesão sociopolítica e cultural, embora igualmente permeada por conflitos locais entre diferentes personagens e facções. Pincones-mapochoes, promaucaes, diaguitas, puelches e incas eram alguns dos grupos documentados que habitavam a região, especialmente desejada pelo potencial aurífero que apresentava aos senhores do *Tawantinsuyu*, especialmente afeitos aos potenciais metalúrgicos dos novos domínios (Bouysse-Cassagne 2017).

34 “Pedro de Valdivia, al Emperador Carlos V, La Serena, 4 de septiembre de 1545”, em Toribio Medina (1929, 41-42).

35 “Alonso de Góngora Marmolejo, Historia de Chile desde su descubrimiento hasta el año de 1575”, em Góngora Marmolejo (1862 [1575], II, 10-11).

36 “Informe de don Miguel de Olaverria sobre el reino de Chile, sus indios y sus guerras, 1594”, em Toribio Medina (1960, IV, 391).

Os indígenas que circundavam Santiago davam conta aos conquistadores que “[...] ellos tenían las minas en su tierra y le querían hacer aquel servicio; y como era costumbre entre todos ellos sacar oro para el tributo que pagaban a los Ingas [...]”.³⁷ Mas além do ouro, a maior densidade demográfica da região adjacente ao Aconcágua e ao Maipo-Mapocho também chamava a atenção pela possibilidade de obter ricas *encomiendas*, além de fornecer a mão-de-obra necessária para a *mita* nas minas, embora os conquistadores logo viessem a igualmente queixar-se dos minguados números de indígenas para os *repartimientos*. Pedro de Valdivia descrevia que:

[...] repartí esta tierra, como poblé la ciudad de Santiago, sin tener noticia verdadera, porque así convino para aplacar los ánimos de los conquistadores, y desmembré los caciques por dar a cada uno quien le sirviese; e como después anduve conquistando la tierra trayéndola de paz, tuve la relación verdadera y vi la poca gente que había y que estaban repartidos en sesenta y tantos vecinos los pocos indios que había.³⁸

Mais que o encontro de uma escassez demográfica, com suas ações enérgicas, temerárias e disruptivas, os conquistadores haviam produzido o vazio com o qual se depararam após as guerras: diversos picones-pehuenches fugiram para o Maule saídos do Aconcagua, do Maipo-Mapocho e dos vales adjacentes, outros tantos homens morreram nas guerras e uma quantidade inaudita de mulheres, crianças e jovens foram capturados e escravizados. A fome deve ter reivindicado sua parcela e as pestes, que se alastravam mais rápido que os cavalos dos invasores, também tomaram o seu quinhão. Além do mais, os espanhóis foram céleres em desmanchar partes da antiga estrutura sociopolítica, ecológica e produtiva locais através das concessões e subdivisões para *encomienda* dos braços e cabeças indígenas, realizando uma mudança significativa no eixo econômico e social das comunidades dos vales centrais (Contreras Cruces 2017). A insólita situação do rápido descenso populacional foi um dos motivos que obrigou Valdivia e seus homens a investirem na tomada e dominação das terras dos então chamados ‘promaucaes’. A isso, acrescentava-se uma dura repressão contra os vários cacicados locais, os quais, embora tenham imputado um duradouro estado de ameaça à neófito cidade, não conseguiram obliterá-la completamente, mantendo-se majoritariamente em um estado de beligerância defensiva em seus respectivos quinhões (León Solís 1986). Michimalongo, como vimos, foi o mais bem sucedido em sublevar a área contra os espanhóis, reunindo forças multiétnicas no cerco citadino e flagelo à hoste invasora, entre os quais constavam diaguitas e antigos *mitimaes* sobre comando do chefe cusquenho Quilicanta, mas seus esforços acabaram malogrados, após o que outros tantos vales e respectivos senhores foram mortos, capturados ou subjugados, segundo relação feita mais detalhadamente

37 “Alonso de Góngora Marmolejo, Historia de Chile desde su descubrimiento hasta el año de 1575”, em Góngora Marmolejo (1862 [1575], II, 8).

38 “Pedro de Valdivia, al emperador Carlos V, Concepción, 15 de octubre de 1550”, em Toribio Medina (1929, 159).

por Jerônimo de Vivar, por Valdivia e por outros cronistas: o ataque aos *pukaras* de Michimalonko e de Leve, nos vales do Aconcagua; a investida contra os promaucaes, do vale do Cachapoal; a subjugação dos *mitimaes* do vale de Quillota e dos remanescentes terços, guarnições e comunidades cusquenhas; a campanha contra Tanjalonko, senhor da metade baixa do Aconcagua, que teve mãos e pés decepados; a campanha contra Cataloe, cacique do vale de Limarí, e sua gente; a entrada de Francisco de Aguirre sobre o Maule; o incipiente avanço sobre a província de Penco, ainda em 1546 etc. Esses fatores, avolumados ao aumento de expertise dos espanhóis, à chegada de novas levas de reforços vindos do Peru e às políticas de aliança e contemporização junto às lideranças indígenas locais, minaram a cooperação guerreira entre os povos originários, facilitando a perseguição aos que se sublevassem e a debelação rápida da oposição organizada na cada vez mais fragmentada população indígena regional. Sangrenta e relativamente lenta, a pacificação dos vales centrais chilenos foi cimentada aos poucos, sendo acompanhada por um profundo decréscimo demográfico que, algumas décadas depois, era largamente perceptível, sendo necessária a transferência de *piezas* colhidas nas guerras araucanas para suprir as demandas por trabalho compulsório e doméstico, servil ou escravo (Valenzuela Márquez 2009; 2023). Após esse turbulento início, Santiago e La Serena tornaram-se baluartes hispânicos em uma terra de guerras constantes mais ao Sul. Ao Norte, predominaram as 'terras de paz', sobretudo após a última grande onda de insurreição indígena nos vales centrais, fomentada pela campanha germinada no seio da Araucanía e liderada pelo afamado Lautaro, morto por Francisco de Villagra na batalha de Mataquito, por volta de 1557.³⁹

Conclusão

A integração andina experimentada por essa região, repleta de diversificadas culturas, chefaturas e aglutinações sociopolíticas, foi iniciada pela própria dinâmica de deslocamentos e contatos entre as comunidades locais e ondas migratórias desde o período Arcaico até o Tardio (Falabella *et al.* 2016), estimulada continuamente pela chegada dos grandes e mais centralizados reinos e impérios dos incas e, logo após, dos hispânicos. Não surpreende, portanto, que esses povos bem integrados respondessem com estratégias coletivas de cooperação militar contra os poderes que tentavam subjugarlos. Posteriormente, o processo de integração interregional também ocorreu fora dos domínios espanhóis, nas terras livres da Araucanía e mesmo nos espaços a leste dos Andes, onde populações mapuches começaram a penetrar nos Pampas, sobretudo a partir do

39 "Alonso de Góngora Marmolejo, Historia de Chile desde su descubrimiento hasta el año de 1575", em Góngora Marmolejo (1862 [1575], II 65); "Pedro Mariño De Lobera, Crónica del Reino de Chile, 1595", em Mariño de Lobera (1865 [1595], VI, 188-190); "Gerónimo de Bibar, Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile, 1558", em Bibar [Vivar] (1966, 194-198). Sobre as posteriores guerras na Araucanía e as relações entre indígenas e invasores, ver Zapater (1997).

século XVII, assimilando outros grupos étnicos em um processo conhecido como ‘arau-canização’ (Zavala Cepeda 2009; León Solís 1990). Fosse nos vales do centro-norte chileno durante a primeira década de invasão, fosse na Araucanía ou ainda em rincões mais afastados do cone sulamericano, análogos, no decorrer dos anos, esses processos de integração e cooperação ofertavam às forças indígenas uma oportunidade de sucesso na luta contra investidas de grupos estrangeiros, permanecendo como um mecanismo de proteção e de sustentação de uma rede de aliados de extrema importância na sua luta pela preservação de suas autonomias e tradições.

Referências bibliográficas

- Barros Arana, Diego
1999 *Historia general de Chile*, tomo I. Santiago de Chile: Editorial Universitaria/Centro de Investigaciones Diego Barros de Arana.
- Bibar [Vivar], Gerónimo de
1966 [1558] *Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile*. Santiago de Chile: Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina.
- Boccaro, Guillaume
2005 “Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. Repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de la obra de Nathan Wachtel”. *Memoria Americana. Cuadernos de Etnohistoria* 13: 21-52. [http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/MA/article/view/13601\(25.09.2024\)](http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/MA/article/view/13601(25.09.2024))
2007 “Poder colonial e etnicidade no Chile: territorialização e reestruturação entre os mapuches na era colonial”. *Tempo* 12, no. 23: 56-72. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200005>
2009 *Los vencedores. Historia del pueblo mapuche en la época colonial*. San Pedro de Atacama: Línea Editorial IIAM/Ocho Libros Editores.
- Bouysse-Cassagne, Thérèse
2017 “Las minas de oro de los incas, el Sol y las culturas del Collasuyu”. *Bulletin de l’Institut Français d’Études Andines* 46, no. 1: 9-36. <https://doi.org/10.4000/bifea.8354>
- Contreras Cruces, Hugo
2017 *Oro, tierras e indios. Encomienda y servicio personal entre las comunidades indígenas de Chile Central, 1541-1580*. Santiago de Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano.
- Comisión Verdad Histórica y Nuevo Trato con los Pueblos Indígenas
2008 *Informe de la Comisión Verdad Histórica y Nuevo Trato con los Pueblos Indígenas*. Santiago de Chile: Comisionado Presidencial para Asuntos Indígenas. <https://bibliotecadigital.indh.cl/handle/123456789/268> (25.09.2024)
- Cornejo B., Luis E.
2001 “Los inka y sus aliados diaguita en el extremo austral del Tawantinsuyu”. Em *Tras las huellas del inka en Chile*, editado por Carlos Aldunate e Luis E. Cornejo B., 74-89. Santiago de Chile: Museu Chileno de Arte Precolombino.

- Encina, Francisco A.
1955 *Historia de Chile. Desde la prehistoria hasta 1891*, tomo I. Santiago de Chile: Nascimento.
- Erize, Esteban
1960 *Diccionario comentado mapuche – español*. Buenos Aires: Cuadernos del Sur.
- Falabella, Fernanda, Mauricio Uribe, Lorena Sanhueza, Carlos Aldunate e Jorge Hidalgo, eds.
2016 *Prehistoria en Chile. Desde sus primeros habitantes hasta los incas*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.
- Galdames, Luis
1996 *Historia de Chile*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.
- Garrido Escobar, Francisco Javier
2018 “Los nuevos sujetos del valle de Copiapó: estilos Diaguita e Inca local en los pucos del período Tardío”. *Estudios Atacameños* 60: 51-76. <https://revistaschilenas.uchile.cl/handle/2250/112329> (25.09.2024)
- Gay, Claudio, ed.
1852 *Historia física y política de Chile*, vol. II. Santiago de Chile: Museo de Historia Natural de Santiago.
- Giudicelli, Christophe
2009 “Encasillar la frontera. Clasificaciones coloniales y disciplinamiento del espacio en área diaguitocalchaquí (xvi-xvii)”. *Anuário de la Revista del Instituto de Estudios Histórico Sociales* 22: 161-211. <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.56802>
- Góngora Marmolejo, Alonso de
1862 [1575] *Historia de Chile desde su descubrimiento hasta el año de 1575*. Colección de Historiadores de Chile y Documentos Relativos a la Historia Nacional, tomo II. Santiago de Chile: Imprenta del Ferrocarril.
- Guevara, Tomas
1929 *Historia de Chile. Chile prehispano*, tomo I. Santiago de Chile: Balcells & Co.
- Herrera y Tordesillas, Antonio de
1622 *Descripción de la Provincia de Chile*. Amsterdam: Michiel Colijin. <https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY-8-1-350471-90117910> (25.09.2024)
- Instituto Nacional de Estadística de Chile (INE)
2018 *Censo de Población y Vivienda 2017. Síntesis de resultados Censo 2017*. Santiago de Chile: Instituto Nacional de Estadística de Chile (INE).
- Jara, Álvaro
1984 *Guerra y sociedad en Chile, y otros temas afines*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.
- Latham, Ricardo E.
1936 *Prehistoria chilena*. Santiago de Chile: Oficina del Libro.
- Luis Martínez, José, María Cecilia Sanhueza Tohá, María Carolina Odone Correa e Andrea Ruiz-Esquide
1992 “Probanza de méritos y servicios de Francisco Altamirano y su padre, Juan Velazquez Altamirano AGI Charcas Legajo 80, 133 fs. (año 1596)”. *Estudios Atacameños* 10: 35-75. <https://doi.org/10.22199/S07181043.1992.0010.00007>

León Solís, Leonardo

- 1983 “Expansión inca y resistencia indígena em Chile, 1470-1536”. *Revista Chungara* 10: 95-115. <https://www.jstor.org/stable/27801769> (25.09.2024)
- 1985 “La guerra de los lonkos en Chile central, 1536-1545”. *Revista Chungara* 14: 91-114. <https://www.jstor.org/stable/27801816> (25.09.2024)
- 1986 “La resistencia anti-española y el rol de las fortalezas indígenas en Chile Central, 1536-1545”. *Cultura, Hombre, Sociedad* 3, no. 1: 53-116. <https://repositoriodigital.uct.cl/handle/10925/356> (25.09.2024)
- 1990 *Maloqueros y Conchavadores en Araucanía y las Pampas, 1700-1800*. Temuco: Universidad de La Frontera.

Lorandi, Ana María

- 1983 “Mitayos y mitmaqkunas en el Tawantinsuyu meridional”. *Histórica* 2, no. 1: 3-50. <https://doi.org/10.18800/historica.198301.001>

Manríquez, Viviana

- 2002 “Purum Aucca, ‘promaucaes’: de significados, identidades y etnocategorías. Chile central, siglos XVI-XVIII”. *Boletín de Arqueología PUCP* 6: 337-354. <https://doi.org/10.18800/boletinarqueologiapucp.200201.013>

Mariño de Lobera, Pedro

- 1865 [1595] *Crónica del Reino de Chile*. Colección de historiadores de Chile y documentos relativos a la historia nacional, tomo VI. Santiago de Chile: Imprenta del Ferrocarril.

Orellana Rodríguez, Mario

- 1994 *Prehistoria y etnología de Chile*. Santiago de Chile: Bravo e Allende.
- 2001 *Los aborígenes del sur de Chile en el siglo XVI. ¿Cómo se llamaban?* Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad Internacional SEK.

Rodrigues, Erick

- 2023 La tierra de guerra: conquistas, resistências e formação de espaços nos conflitos hispano-mapuches (Reino do Chile, 1541-1626). Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54850> (25.09.2024)

Rosales, Diego de

- 1877 [1674] *Historia general del Reino de Chile*. Flandes Indiano, vol. 1. Valparaíso: Imprenta del Mercurio.

Silva Galdames, Osvaldo

- 1986 “Los promaucaes y la frontera meridional incaica”. *Cuadernos de Historia* 6: 7-16. <https://cuadernosdehistoria.uchile.cl/index.php/CDH/article/view/46531> (25.09.2024)
- 1994 “Hacia una redefinición de la sociedad mapuche en el siglo XVI”. *Cuadernos de Historia* 14: 7-19. <https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/139504> (25.09.2024)

Silva Galdames, Osvaldo y Cristina Farga Hernández

- 1997 “El surgimiento de hombres poderosos en las sociedades segmentadas de la frontera inca: el caso de Michimalonko”. *Revista de Historia Indígena* 2: 21-28. <https://revistahistoriaindigena.uchile.cl/index.php/RHI/article/view/39951> (25.09.2024)

- Téllez, Eduardo
 1984 “La guerra atacameña del siglo XVI: implicancias y trascendencia de un siglo de insurrecciones indígenas en el despoblado de Atacama”. *Estudios Atacameños* 7: 295-310. <https://www.jstor.org/stable/45258314> (25.09.2024)
- Toribio Medina, José, org.
 1897 *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile*, XII. Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana.
 1889 *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile*, IV. Santiago de Chile: Imprenta Ercilla.
 1929 *Cartas de Pedro de Valdivia que tratan de descubrimiento y conquista de Chile*. Sevilla: Establecimiento Topográfico de M. Carmona Velásquez.
 1960 *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile*. Segunda serie, IV. Santiago de Chile: Fondo Histórico/Bibliográfico J.T. Medina.
- Urbina Carrasco, María Ximena.
 2009 *La frontera de arriba en Chile colonial. Interacción hispano-indígena en el territorio entre Valdivia y Chiloé e imaginario de sus bordes geográficos, 1600-1800*. Santiago de Chile: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana / Valparaíso: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso
- Valenzuela Márquez, Jaime
 2009 “Esclavos mapuches. Para una historia del secuestro y deportación de indígenas en la colonia”. Em *Historias de racismo y discriminación en Chile*, editado por Rafael Gaune e Martín Lara, 225-260. Santiago de Chile: Uqbar.
 2023 “Aucaes desterrados a la ciudad: esclavitud y resiliencia indígena en Santiago de Chile (siglo XVII)”. *Revista Complutense de Historia de América* 49: 113-144. <https://doi.org/10.5209/rcha.87984>
- Villalobos, Sergio
 1982 *Relaciones fronterizas en la Araucanía*. Santiago de Chile: Universidad Católica de Chile.
 1995 *Vida fronteriza en la Araucanía. El mito de la guerra de Arauco*. Santiago de Chile: Andrés Bello.
- Viveiros de Castro, Eduardo
 1992 “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”. *Revista de Antropologia* 35: 21-74. <https://www.jstor.org/stable/41616099> (25.09.2024)
- Zapater, Horacio
 1997 “Huincas y mapuches (1550-1662)”. *Historia* 30: 441-504. <https://revistahistoria.uc.cl/index.php/rhis/article/view/10894> (25.09.2024)
- Zavala Cepeda, José Manuel
 2009 *Los mapuches del siglo XVIII. Dinámicas interétnicas y estrategias de resistencia*. Temuco: Universidad Católica de Temuco.

